

QUANDO AS TORRES CAEM**Ou, porque não tivemos aí um acontecimento comunicacional nem
jornalístico, mas filosófico****WHEN THE TOWERS FALL****Or because we haven't had a communication or journalistic event, but a
philosophical one**

*Ciro Marcondes Filho¹***Resumo**

Um Acontecimento jornalístico não é o mesmo que um Acontecimento comunicacional, que, por sua vez, difere do Acontecimento no sentido filosófico. O jornalístico é barulhento, ruidoso, pontual e desaparece geralmente no dia seguinte. O Acontecimento filosófico é seu oposto, vale para todos, traz um perigo embutido, uma "aventura" e seu entendimento transcende nossa geração. Já o Acontecimento comunicacional não cai bruscamente por cima de nós, é sincrônico, não diacrônico, é luta por conquista e por convencimento, e seu resultado é a nossa transformação.

Palavras-chaves: Acontecimento comunicacional, Acontecimento jornalístico, conceito de comunicação.

Abstract

A journalistic event is not the same as a communication event, which, in turn, differs from the philosophical event. The journalistic event is noisy, punctual and usually disappears the next day. The philosophical event is its opposite, it is true for everyone, brings a danger embedded, an "adventure" and its understanding transcends our generation. On the other hand the communication event does not fall sharply over us, it is synchronic, not diachronic, it is a matter of fighting for conquest and persuasion, and its result is our transformation.

Keywords: communication event, journalistic event, concept of communication.

Submetido em 15/05/2013

Aceito em 24/06/2013

1. Fatos e o Acontecimento

Há três tipos de ocorrências: os fatos, ou Acontecimentos jornalísticos, os Acontecimentos em geral (ou filosóficos) e os Acontecimentos comunicacionais. Os primeiros

¹ Professor titular da ECA-USP, pesquisador CNPq nível 1A, autor da trilogia Nova Teoria da Comunicação: o princípio da razão durante, Paulus, 2010-2013, em sete volumes.

são ruidosos, barulhentos, escandalosos, pomposos; são casos naturais, sociais ou artificiais que chamam a atenção no campo do contínuo mediático atmosférico. Constituem manchetes, notícias, produções jornalísticas estridentes e perturbadoras. Enquanto ocorrências singulares geralmente não deixam rastros. São rapidamente substituídas por outras, de igual impacto e intensidade. Já os segundos são casos de outra natureza. São silenciosos e insensíveis e atuam, no dizer de Claude Romano, à margem de sua efetuação, quer dizer, de sua representação, promovendo uma “reconfiguração anônima do mundo” (ROMANO, 2008, p. 159), ocorrendo num “espaço que uma palavra jamais pisou” (cf. RILKE, 1929, p. 23). O terceiro tipo, veremos mais adiante.

Por definição, Acontecimento (filosófico) é aquilo que provoca a crise, que trama a história. Trata-se de algo único, excepcional, imprevisível, irrepetível e anônimo. Não é alguma coisa que eu produza, mas algo que “vem a mim sem ser de mim” (ROMANO, p. 145), ou, algo que “cai sobre mim” (DERRIDA et al., 2001, p. 95). Ele me atinge de surpresa, altera minhas vivências, me intima a renascer. Depois dele, eu já não sou o mesmo.

Um Acontecimento, eu enfrento de forma desarmada. Trata-se de uma *aventura*: há um perigo embutido, uma travessia a ser realizada, diante dele eu estou exposto a uma alteridade “que me quebra” (FORNARI, 2008, p. 17). Há também certa intimação para que eu renasça, como disse Romano, para que eu seja de outro modo. Surge, em mim mesmo esta alteridade, a “alteridade incomensurável de meus possíveis”, que vamos ver a seguir. Viver o Acontecimento é ser atravessado por um impessoal do qual eu não posso me apropriar e o que faço é integrá-lo num novo projeto de mundo; ao realizar isso, já estarei transformado (ROMANO, 2008, p. 149).

Ludwig Klages desenvolveu paralelamente a Heidegger seu próprio conceito de Acontecimento. A palavra que ele usa, diferente deste último, é *Geschehen* (que tem a mesma raiz germânica *ske-*, do termo “história”, da palavra *Geschichte*), e não o *Ereignis* heideggeriano (que está associado ao alemão antigo *ir-ougen*, “pôr diante dos olhos”, e ao termo “próprio”, *eigen*). Um Acontecimento, diz ele, é algo que nos impacta através de seu aparecer característico. Ele nos abate, *nos atropela*. A ideia é a de que a pessoa, por si mesma, não realiza nada, mas participa de um mundo onde as coisas acontecem e a atravessam.

Para Klages, um Acontecimento tem um *aparecer característico* enquanto unidade de múltiplas informações, que permite que eu o apreenda como um todo (semelhante à *intuição sensível*, de Husserl). Reconhecemos este aparecer porque ele provoca em nós um *efeito*

mágico, que nos faz envolvermo-nos na cena, metamorfosearmos-nos nela. A inserção dessa vivência nas coordenadas de tempo e espaço engloba o Acontecimento sob o conceito de *imagem originária*. É o caso da arte, que, além do formalismo, do valor estético, é o mais puro sentir. Não amamos a generalidade, a beleza, o acento, a virtude, mas uma determinada pessoa, uma certa paisagem, mesmo que outras tenham as mesmas qualidades de beleza. Amamos também a única aparição, sua incomparabilidade. Foi a partir daqui que Walter Benjamin desenvolveu seu conceito de aura. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 153).

Tanto na fenomenologia de Husserl quanto na de Heidegger esconde-se, dentro de nossa própria atividade intencional, uma passividade através da qual não escolhemos a coisa, mas, mesmo assim, a assumimos. Henri Maldiney cunhou para isso o conceito de *transpassibilidade*, que é o fato de nos submetermos a acontecimentos, na medida em que isso implique para nós uma abertura ativa para um campo de receptividade [MALDINEY, 1991, p. 114]. A ocorrência acontecimental, não obstante, não pode ser vista como algo interno, intramundano. De fato, para Heidegger, era *minha liberdade*, antes de mais nada, que projetava o mundo mais além do ente, através de um retiro existencial extremo, o da angústia. Já, para este conceito de Acontecimento, é seu próprio surgimento que reconfigura minhas possibilidades antes de qualquer projeto meu [ROMANO, 2008, p. 142]. A pessoa (o “adveniente”, na linguagem de Romano) responde ao Acontecimento, ocorre o encontro.

Não sendo um fato “intramundo”, o Acontecimento “abre um mundo” mais além de qualquer projeto. Esta é a aventura do adveniente.

2. A construção do sentido

Eu não sou apenas “atropelado” pelo Acontecimento. No momento em que ele ocorre, o sentido se constrói junto. É o mesmo que dizer que não é que o Acontecimento *tenha* sentido, ele *é* o sentido, como o expressa Gilles Deleuze, em *A lógica do sentido* (DELEUZE, 1969, p. 124 e 133). O sentido vem junto. No dizer de Romano, o Acontecimento traz consigo seu próprio horizonte de inteligibilidade [ROMANO, *idem*, p. 43], o sentido só se torna possível a partir do horizonte por ele aberto.

Husserl olha um certo objeto. Ele busca fazê-lo sem o recurso de seus *a priori*s. No ato de perceber esse mesmo objeto em sua consciência, esta sai de si mesma, se transcende, e *doa sentido*, reduzindo as múltiplas dimensões do objeto a algo único. Ora, com o Acontecimento a coisa acontece diferente. Não se trata de uma dotação ou doação de sentido pela consciência,

pois o fenômeno, não capturado por alguma compreensão prévia, traz consigo seu próprio horizonte de inteligibilidade.

Numa operação às avessas, o surgimento do Acontecimento faz com que ele próprio recrie retroativamente suas causas. É só posteriormente que ele chega a ser Acontecimento. Daí Nietzsche dizer, em *Além do bem e do mal*, que os Acontecimentos maiores são os que mais tardiamente se fazem compreender; as gerações que são deles contemporâneas não têm a vivência, vivem à margem desses acontecimentos.

É através dos possíveis que podemos chegar ao *sentido* do Acontecimento. Antes de ocorrer o Acontecimento, o mundo é um imenso emaranhado de “possíveis”. O Acontecimento, ao se realizar, compõe, a partir dos possíveis, a rede de sentidos que só ele agora valida. Ele recria retrospectivamente as causas, nós nos damos conta do sentido criado apenas *a posteriori*. Aqui se separa uma evolução esperada dos fatos de uma ocorrência efetiva de um Acontecimento. Na evolução esperada, há um possível pré-esboçado, previsível, aguardado, *trivial*. O Acontecimento, diferente disso, o transborda, opera com possíveis que estavam “em reserva”, “muda a cara do mundo” (Romano). Ele introduz um excedente de sentido que transcende todo o compreender; ele faz contraposição a uma espera determinada, ele põe em xeque o “horizonte geral de nossas esperas” (idem), o que mantinha nosso mundo habitual e habitável.

Mas não só os Acontecimentos, mesmo alguns fatos, diz Romano, podem desarticular, por encobrir uma “novidade de direito”, por “excessivos possíveis que mantêm em reserva”, e assim, promover o desarranjo de toda uma cronologia factual.

O jornalismo, diante de fatos que jamais serão Acontecimentos, dos fatos que podem se tornar Acontecimentos e dos Acontecimentos propriamente ditos, “diz” o Acontecimento, comenta Derrida, *realiza* o Acontecimento à sua moda. Uma Guerra do Golfo passada na TV não é a Guerra do Golfo ela mesma, um Acontecimento que é seu próprio dizer, o dizer *do* Acontecimento”, irreduzível à apropriação mediática, diz ele. Para Derrida, o indizível, no caso, são os mortos. Para Deleuze, o indizível é a “contra-efetuação”: se os eventos realizam-se na superfície física do mundo, na superfície metafísica, ao contrário, o Acontecimento se projeta como fato além das narrativas, além dos relatos, além dos discursos, como evento impessoal, livre, neutro. (DELEUZE, 1969, p. 133ss). Deleuze diz que o sintoma aparece nos dois planos: no físico e no metafísico.

É o mesmo termo que usa Derrida, ao dizer que as pessoas são indistintamente surpreendidas pelo Acontecimento e atribuem individualmente um significado. Contudo, independente delas e das significações atribuídas, há um *sintoma*, que seria esse neutro, impessoal. Para ele, o efeito de verdade ou a própria busca da verdade tem a ver com o sintoma, já que é ele que nos “cai em cima”, que nos atropela.

A temporalidade do Acontecimento, além do mais, não é a *nossa* temporalidade. Vivemos em tempo diferente do tempo do Acontecimento. Quando ele ocorre, quando “a decisão” se realiza, quando ela “se declara”, em verdade, ela já tinha sido efetivada tempos atrás.

Pelo que foi expresso acima, o Acontecimento é, assim, a realização possível do impossível. A morte de um ser querido já está prefigurada entre os possíveis de nosso mundo, diz Romano, sabemos que ela pode vir golpear qualquer um de nós, mas quando ela de fato vem, nossa primeira reação é “Não é possível!”. Em verdade, diz ele, “o acontecimento não se reduz de forma alguma à sua atualização como fato; transborda qualquer fato e qualquer atualização pela carga de possíveis que mantém em reserva e em virtude da qual o que toca mesmo são os fundamentos do mundo para o existente” [ROMANO, 2008, p. 42]. Jacques Derrida, nesse aspecto, é radical: a surpresa tem que ser absoluta, ela tem que cair sobre mim, eu não posso vê-la chegar. “O Outro me afeta de impotência”, dizia Levinas [citado por ROMANO, 2008, p. 158]. Um inventor não pode inventar a não ser o que jamais poderia ter sido pensado; um dom, que eu faço, só é um dom, uma doação, se ele jamais tinha sido esperado como tal.

3. O Acontecimento comunicacional

A discussão desenvolvida até aqui fala do conceito de Acontecimento no campo da filosofia. Não é um tema menor. O filósofo Gilles Deleuze disse, pouco antes de morrer, que não buscou outra coisa na vida senão o Acontecimento, que passou todo seu tempo escrevendo apenas sobre isso. Para ele, a Acontecimento é tudo: é a pulsação de vida, o único que efetivamente interessa.

A Nova Teoria da Comunicação toma o Acontecimento como um de seus pilares, junto com outros conceitos estruturantes como alteridade, sentido, movimento, além-linguístico, razão “entre” e razão “durante”. Mas, em que medida o Acontecimento comunicacional difere do Acontecimento em geral?

Os Acontecimentos em geral, na forma como descritos nos itens anteriores, são caracterizados por:

- serem únicos, imprevisíveis, anônimos;
- serem silenciosos: virem a nós, caírem sobre nós;
- serem uma aventura, uma travessia à qual nos expomos à alteridade;
- provocarem a crise, reconfigurarem o mundo, nos fazerem renascer, não sermos mais os mesmos depois deles; construírem o sentido;
- recriarem retroativamente suas próprias causas;
- só chegarem a ser Acontecimentos posteriormente.

Eles são Acontecimentos tanto no plano pessoal, subjetivo, quanto no grande plano de uma sociedade inteira. No plano pessoal, por exemplo, a morte é o grande paradigma. No plano social maior, falou-se da Guerra do Golfo, fala-se do ataque às Torres Gêmeas. Há uma certa grandiosidade nos Acontecimentos que os fazem verdadeiros divisores de água. O Acontecimento comunicacional também ocorre nos dois planos e, de certa forma, produz efeitos similares ao Acontecimento em geral, pois, se for aceito que comunicar é transformar-se, mudar de posição, passar a pensar diferentemente, ser efetivamente tocado, mexido, alterado pelo Outro, então quase todas as características de um aplicam-se ao outro, pois está embutido no conceito filosófico de Acontecimento esse traço comunicacional de o ser se tornar outro após a vivência desse fato.

Scott Fitzgerald sugere duas espécies de acontecimento: (1) “aqueles que vêm de fora e dão a impressão de produzir-se muito rapidamente: estes fazem seu trabalho ‘de um golpe’, diz ele, mas seu caráter repentino não se isenta de uma demora, nem seu estrépito, de uma certa latência (‘não mostram seus efeitos de imediato’), do desfazer-se [*del descalce*] de uma ‘tomada de consciência’ que se produz sempre mais tarde e em virtude da qual este primeiro tipo de acontecimento se reúne, por outro lado, com o segundo (‘eles *parecem* vir de fora’)”; (2) “aqueles que se produzem sem que se tenha ‘quase’ consciência, cujo trabalho subterrâneo, sísmico – o desmoronamento – não tem nada de notável nem de estrepitoso, senão que se efetua lenta e insensivelmente: é então a ‘consciência’ mesma que se toma, o que faz deles acontecimentos, pois é de súbito que se toma consciência, ‘muito de repente’”. [ROMANO, 2008, p. 161]

É o mesmo que dissemos da temporalidade metapórica (MARCONDES FILHO, 2010, p.255): adquirimos conhecimento de uma só vez e sem conceitos, no sentido que lhe dão

Schopenhauer e Bergson, num choque inicial - o pico de êxtase do primeiro momento, quando atua a intuição sensível. A partir do impacto começamos a mudar. Mas há o inverso, a provocação lenta e contínua de certos instigadores que vão levar, após certo tempo, à eclosão transformadora.

É assim que o explica Claude Romano: “O primeiro tipo de acontecimento, o súbito explosivo da ‘primeira vez’, precede a integração do acontecimento num projeto de mundo, ou, ao contrário, a desintegração do ‘fundo’ de onde a ipseidade e a existência têm sua ancoragem. No segundo tipo, a latência e a demora ‘precedem’ o surgimento repentino do acontecimento, enquanto ‘tomada de consciência’ desta demora, deste desfazer-se mesmo, segundo o qual o acontecimento inverteu, definitivamente ‘rachou’ aquele que éramos”. [ROMANO, 2008, p. 161]

Mas há algumas diferenças entre o Acontecimento filosófico e o Acontecimento comunicacional. Em primeiro lugar, a comunicação “não cai sobre nós”, nos atropelando. É diferente de um Acontecimento para os filósofos, um fato político-social, por exemplo, como o atentado às Torres Gêmeas, que caiu sobre todo o Ocidente, gerou um impacto informacional de primeira ordem. Todo o planeta voltou-se estupefato, pasmo, diante do acontecido. A ação teve forte efeito propagandístico: nos pressionou a acompanhar a notícia, a discutir o assunto, a seguir as repercussões. Mas foi, por isso mesmo, um Acontecimento que *forçou* as atenções, que atraiu o debate político mundial, representou uma provocação, um desafio.

No caso do Acontecimento comunicacional, ao contrário, é preciso separar *intencionalidade* de *decisão*. No processo da comunicação, o emissor, quando procura convencer outros, movê-los à ação, influir em seu modo de pensar, realizando sinalizações *ativas*, usa-se de intencionalidade. (A intencionalidade aqui tem um sentido diferente da intencionalidade de Husserl, para quem a consciência só é consciência enquanto consciência *de algo*, quer dizer, ela não existe sozinha, como coisa em si. É esse algo que lhe garante o estatuto de existência. Essa é a inversão cartesiana pretendida por Husserl: é a coisa que realiza, que dá vida à consciência, assim como – para nós - é a relação que realiza a informação e a comunicação).

Assim, o emissor tem intenção de influenciar; já, o receptor pode abrir-se ou não a esses atos. Ele tem a prerrogativa da *decisão*. Ele vai usar a intencionalidade somente quando precisar saber de algo, quando for, por conta própria, em busca de informações a respeito desse algo, quer dizer, quando não existir um emissor enviando-lhe ativamente sinais de captura. A frase de Claude Romano comentada no primeiro item, a respeito de Husserl e

Heidegger, diz que dentro de nossa própria atividade intencional há uma passividade, através da qual não escolhemos a coisa mas, mesmo assim, a assumimos.

Dentro do campo da comunicação, é somente nas práticas propagandísticas, publicitárias e na sedução que ocorre esse assalto à nossa intencionalidade; no mais das vezes praticamos nosso direito à escolha do que queremos ver, ouvir, presenciar. Ao contrário, nos Acontecimentos para os filósofos, o princípio é o de que eles caem sobre nós, desabam sobre nossas cabeças, nos desorientam. Nós não escolhemos ver ou não ver o acidente das Torres Gêmeas, nós não decidimos nos defrontar com o Acontecimento da morte. No primeiro caso, o da comunicação, há um jogo entre emissor e receptor, uma luta por conquista, por convencimento, pelo prevalecimento de uma opinião. Num certo momento, algo muda. Muda na consciência do receptor. Algo sutil informa que estamos pensando diferentemente. É a virada. Seu realizador foi a própria alteridade à qual nos expusemos. Dela saímos transformados, “reconfigurados”

A segunda diferença entre um Acontecimento para os filósofos e para a comunicação é que, no caso do primeiro, o Acontecimento só chega a ser Acontecimentos *posteriormente*, o compreendemos só tardiamente, vivemos “a margem deles”, como dizia Nietzsche.

De fato, não estamos em fase com o Acontecimento, encontramos-nos *defasados* em relação a eles. É o oposto do que ocorre com os Acontecimentos comunicacionais, que provocam em nós uma reação sincrônica, mais ou menos sintonizada com eles. Uma coisa é o efeito imediato, de choque, de impacto; outra, são as repercussões a longo prazo, as grandes mudanças históricas. É o caso da mudança tecnológica que está em marcha há cinco décadas e que vai provocar, a partir destas últimas duas décadas, transformações de efeito retardado inimagináveis a médio prazo. Comunicação é diferente da história. Ela detona, provoca um abalo e o resto da sociedade se recompõe a partir desse fato. Não se prevê as mudanças a longo prazo mas constata-se uma trepidação inicial, as repercussões sobre a emoção e o pensamento. Há indícios claros de que algo de transformador está acontecendo, de que as pessoas estão diferentes.

A comunicação atua de forma sincrônica, não diacrônica. A leitura extensiva, de longo alcance, é objeto da filosofia, que pretende uma *explicação*. Já, a leitura no tempo da ocorrência só pode ser intensiva, factual, vertical, em oposição à horizontalidade da história, da antropologia e da teoria da evolução. Aqui não se busca explicar mas constatar, registrar, assinalar. Ela dispõe os fatos, mostra o que constatou, deixa à disposição. Há uma ciência do

instantâneo, do impactante, da reação primeira, dos efeitos imediatos sobre a consciência, que já havia sido proposta cento e vinte anos atrás por Henri Bergson e que constrói um saber autônomo que é a comunicação.

Referências

DELEUZE, G. [1969], *Logique du sens*, Éditions de Minuit, Paris. A tradução brasileira de L. R. Salinas Forte, S. Paulo, Perspectiva, 1998.

DERRIDA, Jacques, Soussana, G. ; NOUSS, A. [2001]. *Decir el acontecimiento. Es posible?* Tradução Julián Santos Guerrero. Arena Libros, Madri, 2006.

FORNARI, Mena; MUÑOZ, Eduardo Silva, “Presentación”. In Romano, 2008, p. 17.

MALDINEY, Henri [1991]. *Penser l'homme et la folie*. Grenoble, J. Millon, 1991,

MARCONDES Filho, C. [2010]. *O princípio da razão durante*. Nova Teoria da Comunicação, Vol. III, Tomo 5, São Paulo, Paulus, 2010.

RILKE, Rainer Maria [1929]. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Pedro Sussekind, Porto Alegre L&PM, 2011.

ROMANO, Claude [2008]. *Lo posible y el acontecimiento*. Introducción a la Herméutica Acontecical. Trad. Aníbal Fornari, Patricio Mena e Enoc Muñoz. Ediciones Univ. Alberto Hurtado, Santiago, 2008.